



CAPACETES DE AÇO NO EXÉRCITO BRASILEIRO 1932 – 2004



Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
expedito@editora.ufjf.br

Os capacetes de aço passaram a ser adotados nos principais exército do mundo ao longo da primeira guerra mundial (1914 – 1918), com diversos modelos e processos de fabricação, desde os estampados a frio até os usinados, foram desenvolvidos para dar mais proteção ao soldado, protegendo-o de estilhaços, projéteis de pequenos calibres e até de pancadas na cabeça.

As estatísticas da primeira guerra mundial revelam que 80% dos ferimentos aconteciam na cabeça, em razão da forma de luta, a guerra de trincheiras, principalmente na frente ocidental, nos anos iniciais daquele conflito, levando os principais exércitos a adotarem o capacete de aço, ampliando assim a proteção individual.

No Brasil eles só irão aparecer no ano de 1932, quando ocorreu a nossa maior guerra civil, conhecida como Revolução Constitucionalista, deflagrada por São Paulo em 9 de julho daquele ano.

Os paulistas criaram diversos departamentos para seu esforço de guerra contra as tropas do governo de Getúlio Vargas, e um desses departamentos era para a confecção de capacetes de aço, pois era necessário equipar todos os combatentes paulistas, sejam eles Voluntários, da Força Pública ou do Exército.

Dois capacetes foram apresentados a este departamento, um francês **Adrian** modelo 1915 e um inglês **Mk 1** modelo 1916, oriundos de coleção particular.

Eles foram examinados e aprovados para serem produzidos em série aos milhares, tendo o modelo francês sofrido pequenas modificações, principalmente na chamada “crista de galo”, uma característica deste modelo. O modelo inglês foi copiado na íntegra. (fotos 1, 2, 3, 4, e 5)



Foto 1 - Capacete modelo Francês fabricado em 1932. Notar a “crista de galo” no alto.



Foto 2 – Capacete modelo Francês II tipo fabricado em 1932. Notar detalhe no alto.



Foto 3 – Capacete modelo Inglês MK-1 fabricado em 1932.



Foto 4 – Vista interna do modelo Inglês de 1932. Derivado do modelo Inglês MK-1 de 1915.

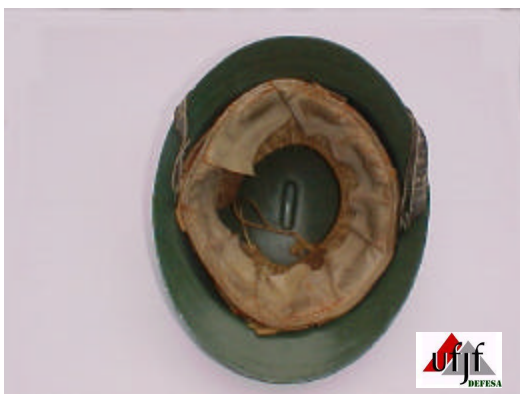


Foto 5 - Vista interna do modelo Francês de 1932 Derivado do modelo Francês Adrian 1915.



Foto 6 – Vista dos três modelos de capacetes produzidos em São Paulo em 1932.

(Fotos 1, 3, 4 e 5 Coleção do autor – foto 2 e 6 Museu da PMSP)

Coube a Associação Comercial a responsabilidade de angariar fundos para a sua produção em larga escala, no final de julho de 1932.

As tropas regulares – Exército e Força Pública – e a de Voluntários, utilizavam bonés, quêpes, bibicos, chapéus e capacetes de cortiça ou papelão revestidos de couro ou pano que às vezes eram impermeáveis, mas não davam a necessária proteção ao combatente.

Diversas empresas foram incumbidas da fabricação dos capacetes de aço, os primeiros a serem produzidos e utilizados no Brasil. Vale destacar a Cia de Louças e Esmaltados, as Indústrias Reunidas Martins Ferreira, e a Bernardini Indústria e Comércio. (fotos 7 e 8)



Foto 7 – Fabricação de capacetes modelo Inglês MK-1 em 1932.



Foto 8 – Capacetes prontos, faltando pintura e a parte interna e jugular.

(Seção de periódicos – Biblioteca do autor)

Estas industrias entregavam o capacete estampado a frio em chapas de aço, pronto, e a Associação Comercial terminava a fabricação, pintando-os de verde e colocando sua forração de couro e a jugular. A pintura inicialmente de dava com tinta verde oliva brilhante, mas logo foi substituída por verde fosco. (fotos 9 e 10)



Foto 9 - Mulheres montando a forração e jugular nos capacetes modelo Inglês MK-1 em 1932.

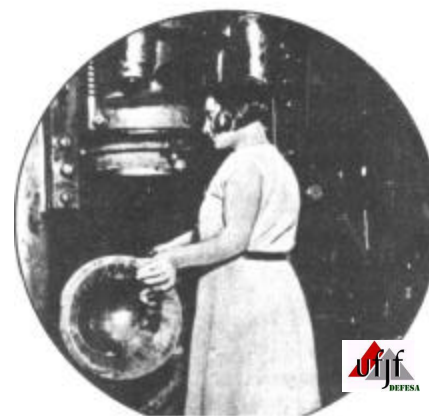


Foto 10 – Mulher trabalhando em prensa moldando capacete modelo Inglês MK-1.

(Seção de Periódicos – Biblioteca do autor)

Três modelos foram fabricados, um do modelo Inglês e dois do modelo francês, cuja diferença era o formato da “crista de galo” no topo do mesmo, parecida com a usada pelos franceses, apenas menor e o outro com uma pequena protuberância redonda no topo do capacete, ambas serviam como respiro para evitar muito calor na cabeça . (foto 11)



Foto 11 – O soldado do meio está com um capacete francês derivado do modelo Adrian. Notar que no lugar da “crista de galo” está uma peça arredondada que serve como respiro. Este é o terceiro modelo de capacete produzido pelas indústrias paulistas em 1932.

(Coleção do autor)

Sem dúvida foi o ícone da revolução, representado sobre diversas formas, cunhado em medalhas, desenhado em caricaturas, esculturas, broches e imortalizado nos cartazes de convocação. Estampado no couro da forração do modelo inglês a frase: *Oferta do Povo Paulista aos Soldados da Constituição*. Já no modelo francês: *O Povo Paulista aos Soldados da Constituição*. (fotos 12, 13, 14 e 15)



Foto 12 - Medalha Paulista. Notar o capacete francês segundo modelo, sem a “crista de galo”. (coleção autor)



Foto 13 – Cartaz de convocação. Notar capacete modelo Francês.



Foto 14 – Inscrição interna no capacete modelo Inglês MK-1 de 1932.



Foto 15 – Inscrição interna no capacete modelo Francês Adrian de 1932.

(Coleção do autor)

Foram fabricados 70.000 capacetes dos três modelos e a maior parte chegou a ser distribuída para as tropas paulistas, mas como esta revolução durou apenas três meses e os Constitucionalistas foram derrotados, o governo federal se apoderou dos estoques e das linhas de montagem.

Eles não foram destruídos mas sim aproveitados e incorporados definitivamente ao Exército Brasileiro, que pela primeira vez, passou usar e possuir capacetes de aço, tendo inclusive dado prosseguimento à sua fabricação na Fábrica de Projeteis de Artilharia do Andaraí, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. (fotos 16, 17 e 18)



Foto 16 – Fábrica do Andaraí – RJ, final dos anos 30, início dos 40. Notar acabamento manual.



Foto 17 – Capacetes modelo Inglês MK-1 prontos faltando parte interna e pintura. Fábrica do Andaraí.

(Exército Brasileiro – Arquivo Histórico)

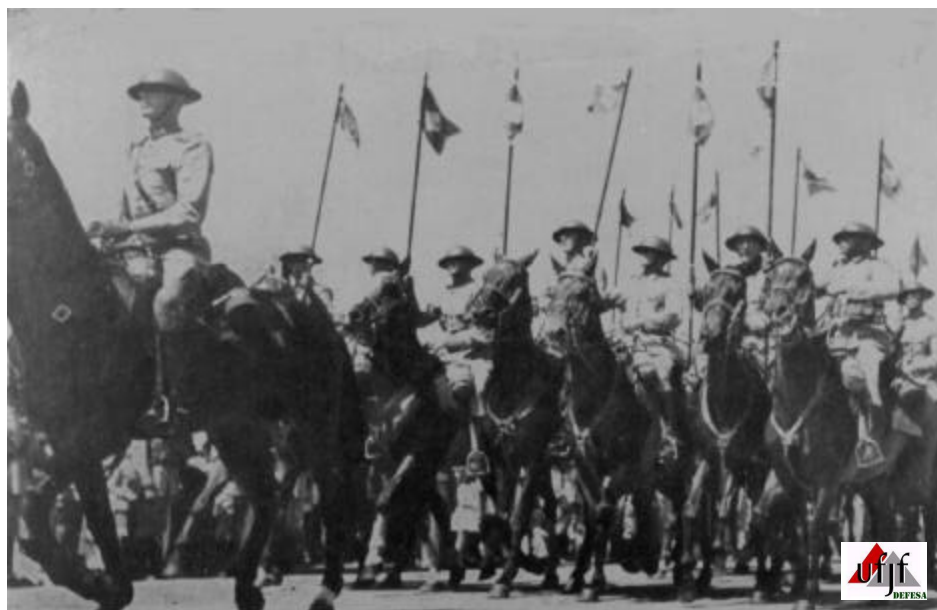


Foto 18 – Tropas de Cavalaria do Exército Brasileiro em desfile de 7 de setembro de 1940. Notar os capacetes modelo Inglês MK-1. (Coleção do autor)

Isto ocorreu entre 1933 e 1934, visto que é possível ver soldados do Exército atacando os sublevados na Intentona Comunista em 1935, no Rio de Janeiro, usando capacetes de aço modelo francês de fabricação nacional.

Na realidade apenas dois dos três tipos continuaram a ser produzidos, o modelo francês com “crista de galo” curta e o modelo inglês MK 1, (ver fotos 1, 2 e 3). É comum vermos fotos do período da segunda guerra mundial (1939 – 1945), no território brasileiro, com soldados do Exército usando estes tipos de capacetes. Cuidado para não confundir o capacete de aço modelo francês com o cortiça revestido de couro largamente empregado pelas tropas, a maioria possui um distintivo na sua parte frontal e um pequeno relevo ao redor do mesmo em torno da aba. (foto 19 e 20)

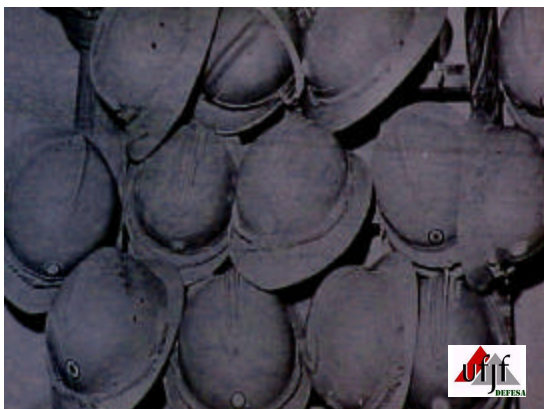


Foto 19 – Capacetes de cortiça revestidos de couro do Exército Brasileiro em 1940. Notar a longa “crista de galo” e emblemas na parte frontal.



Foto 20 – Tropas do Exército Brasileiro em manobras com capacetes de cortiça e couro, nas manobras do ano de 1942 no Rio de Janeiro – DF.

(Exército Brasileiro – Arquivo Histórico)

Com o desenrolar da segunda guerra, o Brasil ao posicionar-se ao lado dos aliados, criou uma Força Expedicionária, a nossa FEB, que combateu ao lados dos americanos no teatro de operações da Itália em 1944 e 1945, onde usou o capacete de aço modelo M-1 adotado pelo Exército Americano em 1941. (fotos 20, 21 e 22)



Foto 20 – Capacete de aço modelo M-1 americano adotado inicialmente pela FEB e após a guerra pelo Exército Brasileiro no território nacional.
(Coleção do autor)



Foto 21 – General Zenóbio da Costa com oficiais da FEB na Itália em 1944 – 45.
(War College – USA)



Foto 22 – Rara foto colorida da FEB na Campanha da Itália em 1944, mostrando soldados brasileiros recebendo instrução sobre manejo de bazuca. Notar uniformes e capacetes de procedência americana. (U.S.Army - DANA)

Este capacete na realidade é composto de dois, sendo um em fibra que se aloja dentro do de aço, podendo usar só o de fibra ou os dois simultaneamente, (foto 23 e 24) e foi o modelo mais fabricado no mundo até hoje, para se ter uma idéia em 1943 já tinha atingido a marca dos 7.500.000 unidades fabricadas.



Foto 23 – O capacete de fibra dentro do de aço, modelo M-1 usado pela Exército Brasileiro.



Foto 24 – Detalhe do interior do capacete M-1, ainda em uso em diversas unidade do EB.

(Coleção do autor)

Com a vitória dos aliados as tropas brasileiras retornaram ao Brasil em fins de 1945, trazendo este capacete como novidade e logo em seguida passou a ser adotado, no Exército Brasileiro, até os dias de hoje, muito embora a partir de 1993 ele vem sendo substituído pelo modelo feito em Kevlar conhecido pela sigla P.A.S.G.T. (Personal Armor System for Ground Troops) adotado pelos Estados Unidos a partir de 1980. As tropas brasileiras em Missão de Paz em Angola e Moçambique foram as primeiras a utilizarem este modelo. No Brasil a empresa Inbrafiltro, de Mauá, SP, produz um modelo similar em fibras de Aramida com alta resistência balística.

O capacete **M-1**, ainda permanecerá por mais alguns anos em uso, em diversas unidades do Exército Brasileiro, (**fotos 25 e 26**) sendo o último remanescente construído em aço, pois com a criação de novos materiais foi possível substituí-lo, tornando os capacetes modernos mais resistentes e leves, protegendo ainda mais os combatentes.



Foto 25– Entrada em posição de peça de artilharia em área de selva, com a tropa utilizando o capacete de aço modelo M-1. Crédito da foto: Centro de Comunicação do Exército – CComSEx, Banco de Imagens.



Foto 26 - Tiro de artilharia embarcado em área de selva com tropa usando capacete modelo M-1. Crédito da foto: CcomSEx – Banco de Imagens.

BIBLIOGRAFIA

- Donato, Hernâni. *A Revolução de 1932*. Círculo do Livro S/A São Paulo, 1982;
- Musciarelli, Letterio. *Dizionario della Armi*. Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 1971;
- Oliveira Filho, Benjamin de. *M.M.D.C.* Edição Schmidt, 1933.
- Oliveira, Clóvis de. *A Indústria e o Movimento Constitucionalista de 1932*. Serviço de Publicações da FIESP, São Paulo, 1956;
- Brussolo, Armando. *A Revolução Constitucionista – Tudo pelo Brasil*. 2ª Edição, Editorial Paulista, 1932;
- Marzetti, Paolo. *Elmetti di tutto il mondo*. Ermanno Albertelli Editore, Parma, Itália, 1984;
- Martins. José de Barros. *Álbum de Família 1932*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1982;
- Ramos, José de Oliveira. *A Epopéia dos Apeninos*. Gráfica Laemmert Limitada, Rio de Janeiro;
- Amiden, Jamil. *Eles não Voltaram*. Gráfica Riachuelo Editora. Rio de Janeiro, 1960;
- Jornal *A Gazeta*, diversos números;
- Revista *Em Guarda para a Defesa das Américas*, diversos números;
- Coleção particular do autor.
-